



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

Maria Ignez Cruz Mello e suas coleções etnográficas: biografias entrelaçadas

Autoria: Francieli Lisboa de Almeida (IFPR - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná)

Há duas coleções etnográficas em museus universitários brasileiros que levam o nome da musicista e antropóloga Maria Ignez Cruz Mello. Apesar disso, ela não se dedicou em sua carreira às questões relacionadas a cultural material indígena, como pode-se pensar a princípio. Os processos de colecionamento que culminaram com a formação dessas coleções aconteceram mais ou menos ao acaso ao longo de sua carreira acadêmica. A primeira coleção foi formada por ela e por Aristóteles Barcelos Neto para o Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA em 1998, projeto financiado pela Fabesp, agência de fomento baiana, que possibilitou que os pesquisadores realizassem suas pesquisas de campo de mestrado em antropologia (UFSC) na aldeia Piyulaga, do povo Wauja no Alto Xingu (MT). A segunda coleção foi formada por Maria Ignez e seu companheiro, Acácio Tadeu Piedade, quando estiveram em campo em 2001 e 2002 durante a realização de seus doutorados em antropologia (UFSC), em que pesquisaram o complexo ritual lamurikumã-Kawoká, sendo que Maria Ignez se ateu ao primeiro, que é o canto das mulheres, enquanto Acácio ao segundo, que é o som instrumental das flautas masculinas, recobertas por restrições visuais às mulheres. Essa coleção artefactual foi formada ao acaso, visto que os artefatos foram provenientes de trocas estabelecidas em campo, sem qualquer intencionalidade prévia de constituição, característica essa que já marca diferenças consideráveis entre as duas coleções universitárias. A segunda coleção foi doada após o falecimento de Maria Ignez ao MAE-UFPR, sendo que ao lado das quase duas centenas de artefatos também figuram todo o seu material de campo: diários, fotografias, registros sonoros, desenhos, correspondências, rascunhos, dentre outros. Procuro aqui reconstituir as biografias das coleções juntamente com a biografia da pesquisadora, focando em sua carreira acadêmica, tragicamente interrompida com o seu precoce falecimento. As biografias das coleções mostram convergências de interesses, instituições, experiências e pessoas. É isso que pretendo apresentar



como parte da minha investigação de doutorado em andamento. A partir de interlocução com a bibliografia especializada, entendo que as coleções etnográficas refletem e dialogam com concepções teóricas e ideológicas de determinados períodos e instituições, bem como dos próprios coletores-pesquisadores.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: